Lei nº 7394 de 20.09.93
DOM nº 10.206 de 28.09.93 sancionada

Arquivo 05.10.93

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

MENSAGEM Nº _____ DATA 13/08/93

PROJETO DE LEI Nº 228/93

Vereador - Régis Benevides

ASSUNTO

Denomina de Jorn. Carlos Castello Branco uma Praça de Fortaleza

LEI Nº 7394 DE 20/09/93

DIOM Nº 10.206 DE 28/09/93

DIGITALIZADO

EM: 07/11/00

FUNCIONÁRIO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Lei: 073941993
Projeto: 02281993
Autor: REGIS BENEVIDES
Assunto: R JORN CARLOS BRANCO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
a casa é sua

Dom nº 10.206 de 28.09.93

LEI Nº 7394 DE 20 DE Setembro DE 1993.

Denomina de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI.

Art. 1º - Fica denominada de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio da Cidade, em 20 de 09 de 1993.

ANTÔNIO ELBANO CAMBRAIA
- PREFEITO MUNICIPAL -

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

a casa é sua

COMISSÃO DE URBANISMO
DESIGNO O VEREADOR JOSÉ MARIA COUTO COMO RELATOR
Em 16/08/93
Presidente

À COMISSÃO DE URBANISMO
Em 13/8/1993
PRESIDENTE

PROJETO DE LEI Nº 228/93.

Denomina de Jorn. Carlos Castello Branco uma Praça de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de Jorn. Carlos Castello Branco uma Praça de FORTALEZA.

Art. 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, 13 de agosto de 1993.

VER. RÉGIS BENEVIDES

APROVADO EM 1ª DISCUSSÃO
Em 24/8/1993
PRESIDENTE

APROVADO EM 2ª DISCUSSÃO
Em 25/8/1993
PRESIDENTE

À COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 25/8/1993
PRESIDENTE

Luto nos bastidores

Morre Castellinho, o jornalista que melhor traduzia a babel dos políticos

MARCOS SÁ CORRÊA

Foi póstumo o último serviço do jornalista Carlos Castello Branco aos leitores do *Jornal do Brasil*. Sua morte ocupou onze páginas inteiras da edição de quarta-feira passada, tratamento fúnebre reservado a personagens históricas. E expulsou para o fundo do jornal o noticiário sobre a xaropada governamental do dia — uma reforma ministerial que naquele momento transitava pela oferta de uma Pasta dos Remédios ao PP do governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz. Morrendo de enfarte, num calvário de complicações hospitalares, depois de uma operação de câncer na faringe e na língua, Castello foi reconduzido pelas homenagens fúnebres a reocupar por mais um dia o lugar que, em vida, exerceu por 31 anos: evitar que as notícias de Brasília chegassem ao café da manhã alheio ainda embrulhadas na irrelevância e na barafunda do cotidiano político brasileiro. Ao longo dessas três décadas, a Coluna do Castello migrou do miolo do *JB* para o canto esquerdo da página 2. Como se fosse uma linha dorsal, era nela que o noticiário político se pendurava. "Agora, não sei mais por onde começar a ler os jornais", escreveu o ex-presidente Fernando Collor, num necrológio que talvez seja sua primeira declaração aproveitável em muito tempo.

A Coluna do Castello nasceu quase junto com Brasília. Mas amadureceu melhor do que ela. Coligida em livro, daria um cartapácio de pelo menos 8 000 páginas. O maior volume produzido por um só autor sobre essa fase do país. Descontadas as interrupções por férias e as provocadas por uns dias de cadeia na decretação do AI-5 em 1968, um enfarte em 1972, a perda do filho Rodrigo num desastre de automóvel em 1976 e a primeira investida do câncer em 1986, Castello, ao contrário de Brasília, teve uma linha de interpretação da realidade, seguindo os passos cada vez mais erráticos dos políticos brasileiros. Só isso bastava para fazer dela uma referência até para os fatos. O governo Collor pareceu mais perto do fim quando Castello, depois que o presidente tentou justificar-se com a tenebrosa Operação Uruguai, anunciou que ele não tinha mais remédio.

"ESCREVO SEM PENSAR" — A coluna sobreviveu a três Constituições e a treze governos, somando aos presidentes civis e militares a interinidade do deputado Ranieri Mazzilli depois da queda de João Goulart, a Junta Militar sucessora de Costa e Silva e o chabu de Tancredo Neves, internado na véspera da posse. Quem acha que o sucesso da coluna era abastecido por premonições pode, aliás, adotar como argumento o caso de Tancredo. No dia em que ele assumiria a Presidência, sem que houvesse na praça a menor suspeita de crise intestinal, Castello avisava: "Ao longo de sua vida, Tancredo jamais concluiu uma missão".

Lendo o futuro no passado dos políticos, há muitos anos Castello extraía sua coluna de uma rotina singular para um jornalista especializado em política. Na capital, era um excêntrico. Acordava cedo. Numa profissão atormentada pelo relógio, ele escrevia sempre de manhã. Abria, antes do porteiro, a sucursal do *JB* em Brasília. Lia jornais, punha em dia a correspondência e atendia a telefonemas. Não procurava políticos. As fontes é que iam beber em seus ouvidos. Antes do meio-dia, a coluna estava pronta. Eram 75 linhas que jorravam da máquina de escrever com regularidade mecânica. Trinta minutos, cronometrados. "Escrevo sem pensar", dizia Castello. No entanto, o resultado era um texto cuidado apesar da rapidez, claro mesmo quando enveredava por longas frases de raras vírgulas, fluente até para usar palavras como "prolegômenos" e, sobretudo, capaz de cortar com a elegância de um golpe de florete.

Era esse texto que lhe permitia dormir de tarde, mesmo que desabasse em Brasília o mundo dos políticos. "Passei anos dormindo às 5 horas da manhã e acordando às 5 horas da tarde", ele explicou há pouco tempo, numa entrevista autobiográfica. Piauiense estudando Direito em Belo Horizonte com mesada curta, entrou numa redação antes de se formar ainda na década de 30. Vinha, portanto, de uma época em que o jornalismo, por anacronismo empresarial camuflado em charme de profissão liberal, era estiva em horário boêmio. Em 1950, Castello era editor de política do *Diário Carioca* — o tal que renovou a profissão — e nem por isso estava livre de viver de bicos. Acumulava seis empregos, inclusive o invariável arrimo no serviço público, como procurador do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários. Em 1960, já colunista, foi nomeado por Juscelino Kubitschek procurador do DNER.

HUMOR BRUSCO — Nessa forma de jornalista antigo ele fundiu um modelo de comentarista político moderno. À noite, mesmo nas conversas mais sérias, dava a impressão de afogar-se em uísque. No dia seguinte, dono de memória que nunca parecia esquecer nome ou fato, lembrava-se de tudo na hora de escrever. Lacônico, falava tão pouco que foi capaz de encerrar uma conferência, para uma turma de jornalistas,



OLAVO RUFINO/AG. JB

Brizola, Garcia, ACM e Sarney no velório do jornalista: temido e respeitado pelos políticos



SALOMON CYTRYNOWICZ

Castello escreveu no *JB* durante 31 anos: ouvidos em que as fontes iam beber

respondendo com um monossílabo à primeira pergunta do auditório: "Não". Sua dicção era ruim, piorou com a doença na garganta e freqüentemente se dissolvia por efeito da bebida como um gelo no copo. "Minha técnica sempre foi essa — ficar calado", explicava.

Falando, seu humor era brusco. Foi apresentado ao presidente Castello Branco com uma pergunta formal: "O senhor sabia se somos parentes?" Castello, direto: "Cada vez mais próximos, Marechal". Escrevendo, tinha todas as licenças da língua portuguesa para furar reputações a sangue-frio. No começo do regime militar, pegou o esquerdismo de dom Helder Câmara assim: "Recebido ontem pelo presidente Castello Branco em Brasília, dom Helder relacionou sua atitude avançada em matéria política com o tom imposto à vida pública pelo senhor João Goulart. Quando se servia vodca e cachaça, não podia servir laranjada". Trinta anos depois, pegou à unha a mina de mediocridade do governo Itamar Franco: "O presidente da República vai consolidando a impressão histórica de que, pelos traços da sua personalidade, seria alguém incapaz de trocar a porta da botica de sua cidade pelo comando de reuniões cuja agenda e cujos participantes se voltassem para um outro tipo de responsabilidade".

Seu enterro engarrafou as ruas em volta do cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, e contou com a presença dos governadores Antonio Carlos Magalhães, Leonel Brizola e Hélio Garcia, além de Sarney. E não foi porque Castello agradasse indiscriminadamente os políticos. Mas porque, nos últimos anos de carreira no jornalismo, ficara mais ou menos do tamanho de seus personagens. O presidente Fernando Collor, por exemplo, foi seu estagiário no *Jornal do Brasil*. Há dez anos, no *Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro*, quem-é-quem da política nacional entre 1930 e 1983, o verbete "Castello Branco, Carlos" ocupa uma página e meia. "Franco, Itamar" levou a metade.

Pedido de Demissão — Castello tinha um fraco pelo amigo José Aparecido, nomeado ministro das Relações Exteriores. Fora isso, a coluna escondia suas afeições. O presidente José Sarney era íntimo. Quando no Planalto, Sarney nomeou a mulher de Castello, Élvia, para o Tribunal de Contas da União e lhe apadrinhou a eleição à Academia Brasileira de Letras. Mas, em 1987, quando Sarney andava às turras com a Constituinte, Castello escreveu que estava na hora de encurtar o mandato e chamar eleições diretas. Apoiou o golpe contra Goulart. Mas na cassação de Juscelino Kubitschek, meses depois, decretou: "A revolução sectarizou-se definitivamente".

Na ditadura, em 1971, Castello teve em Roberto Medici, filho e secretário do presidente, um fã, no chefe do Gabinete Civil, João Leitão de Abreu, uma fonte de informação quase cativa, e no ministro da Indústria e do Comércio, Pratini de Moraes, um parceiro semanal de sua mesa de pôquer. Mas foi justamente nesse governo que pediu duas vezes demissão ao jornal, debaixo de pressões para que amaciasse a coluna. Na terça-feira passada, Itamar declarou em nota oficial que em Castello "a palavra sempre militava a favor da nação". Quinze dias antes, mandara ao *Jornal do Brasil* uma carta denunciando a má vontade do colunista.

Mal sabe o presidente Itamar Franco o que dele dizia Carlos Castello Branco no dia 19 de março, véspera da operação. "Ele está pior do que eu, e eu estou com câncer", comentou com amigos na noite em que saiu de seu apartamento no Leblon para tentar a cirurgia que, na melhor das hipóteses, lhe daria dois anos de sobrevida. Era véspera da nomeação de Fernando Henrique Cardoso para o Ministério da Fazenda. O governo parecia atolado numa daquelas suas confusões terminais. Cheirava à tinta a sala do apartamento de Castello, que voltava ao Rio depois de morar em Brasília desde a fundação da cidade. Instalara em casa um computador, para retomar a coluna depois da convalescença. Discutia sua doença com frieza analítica, muita informação colhida diretamente dos médicos e uma certa ironia, como se dissecasse um governo enfermo. Aos 72 anos, a coluna passara a fazer parte de seu metabolismo. ■

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

a casa é sua

COMISSÃO DE URBANISMO

PARECER Nº 37 /93
AO PROJETO DE LEI Nº 228/93

Dispensado de Impressão e Interdício
Em 24/8/1993
PRESIDENTE

O Vereador Regis Benevides submeteu a apreciação do Plenário desta Casa o incluso Projeto de Lei que " Denomina de Jorn.Carlos Castelo Branco uma Praça de Fortaleza.

Nada encontrando que o impossibilite, somos favoráveis a aprovação da matéria.

É o nosso Parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 23 de agosto de 1993.

RELATOR

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

a casa é sua

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 228/93.

APROVADO
Em 02 / 12 / 1993

Denomina de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 31 de Agosto de 1993.

PRESIDENTE

SECRETÁRIO

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA MAPR

a casa é sua

Ofício nº 1902 /93

Fortaleza, 03 de setembro de 1993.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 47 da Lei Orgânica Municipal, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa., o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, de autoria do Vereador RÉGIS BENEVIDES, que **"DENOMINA DE JORN. CARLOS CASTELLO BRANCO UMA PRAÇA DE FORTALEZA".**

Cordialmente,

Vereador José Sarto
Presidente

Exmo. Sr.
Dr. ANTONIO ELBANO CAMBRAIA
DD: Prefeito Municipal de Fortaleza
Nesta

LEI Nº DE DE DE 1993.

Denomina de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI.

Art. 1º - Fica denominada de Jorn. Carlos Castello Branco, uma Praça de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio da Cidade, em de de 1993.

ANTÔNIO ELBANO CAMBRAIA
- PREFEITO MUNICIPAL -